

UNICISMO VERSUS TRINDADE

DIVERGÊNCIAS DOCTRINÁRIAS E CONSEQUÊNCIAS TEOLÓGICAS

WELLINGTON SOARES JARDIM

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ISRAEL THIAGO TROTA

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

BRUNO SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

TERESA CRISTINA DOS SANTOS AKIL OLIVEIRA

Doutora, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

Resumo: Este trabalho aborda duas importantes concepções teológicas sobre a natureza de Deus: o Unicismo e a Trindade. O objetivo é analisar e comparar essas doutrinas à luz das Escrituras e do desenvolvimento histórico e teológico. O Unicismo, também conhecido como Modalismo, sustenta que Deus é uma única pessoa que se manifesta em diferentes modos como Pai, Filho e Espírito Santo. Por outro lado, a doutrina da



Trindade defende que Deus é um único ser que subsiste em três pessoas distintas e coeternas. A pesquisa explora passagens bíblicas centrais, como Mateus 28:19 e João 14:16, e apresenta as interpretações de cada doutrina. Para isso, utiliza-se a análise crítica de teólogos clássicos e contemporâneos, como Agostinho, Wayne Grudem e Karl Rahner. Conclui-se que a Trindade é a doutrina mais coerente com o testemunho bíblico e a tradição ortodoxa, preservando a plena divindade e humanidade de Cristo e a pessoalidade do Espírito Santo.

Palavras-chave: Unicismo; Trindade; Teologia Sistemática.

Abstract: This paper addresses two significant theological concepts regarding the nature of God: Unitarianism and the Trinity. The objective is to analyze and compare these doctrines in light of the Scriptures and their historical and theological development. Unitarianism, also known as Modalism, asserts that God is a single person who manifests in different modes as Father, Son, and Holy Spirit. On the other hand, the doctrine of the Trinity holds that God is a single being subsisting in three distinct and coeternal persons. The research explores central biblical passages such as Matthew 28:19 and John 14:16, presenting the interpretations of each doctrine. To achieve this, the critical analysis of classical and contemporary theologians, such as Augustine, Wayne Grudem, and Karl Rahner, is employed. The conclusion is that the Trinity is the doctrine most consistent with the biblical testimony and orthodox tradition, preserving both the full divinity and humanity of Christ and the personhood of the Holy Spirit.

Key-words: Unitarianism; Trinity; Systematic Theology.

1. INTRODUÇÃO



A doutrina de Deus é um dos pilares fundamentais do cristianismo, constituindo o cerne da fé e da prática cristã ao longo dos séculos. Entre as muitas interpretações que emergiram, duas concepções destacam-se pelo impacto teológico e pela divergência: o Unicismo e a Trindade. Essas doutrinas, embora defendam a unicidade de Deus, apresentam diferenças significativas quanto à natureza e à estrutura interna da divindade. O Unicismo sustenta que Deus é uma única pessoa que se manifesta em modos diferentes (Pai, Filho e Espírito Santo), negando a existência de distinções reais entre essas manifestações. Por outro lado, a Trindade afirma que Deus é um ser único, porém subsiste em três pessoas distintas e coeternas, que compartilham a mesma essência.

Este artigo tem como objetivo principal explorar a historicidade e os fundamentos doutrinários dessas duas visões, traçando um paralelo entre suas abordagens e os contextos que contribuíram para seu desenvolvimento. A pesquisa parte de uma análise crítica dos textos bíblicos mais utilizados tanto por unicistas quanto por trinitaristas, a fim de demonstrar como cada doutrina interpreta as passagens-chave das Escrituras. Além disso, são consideradas as contribuições de teólogos clássicos e contemporâneos para esclarecer as nuances e os argumentos teológicos envolvidos.

O estudo é dividido em cinco seções. A primeira seção é a Introdução, que apresenta o tema e o propósito do trabalho. A segunda seção aborda a historicidade do Unicismo, explicando suas origens no contexto dos primeiros séculos do cristianismo e seu ressurgimento no século XX entre movimentos pentecostais. A terceira seção explora a doutrina da Trindade, destacando seu desenvolvimento histórico e a fundamentação teológica consolidada nos Concílios de Niceia e Constantinopla. A quarta seção é dedicada a um estudo comparativo, no



qual se analisam as principais passagens bíblicas e os argumentos teológicos que sustentam cada visão, utilizando o método de exegese para comparar os contextos e implicações doutrinárias. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, sintetizando as conclusões a partir das evidências bíblicas e teológicas discutidas.

Este artigo visa não apenas demonstrar as diferenças doutrinárias entre Unicismo e Trindade, mas também oferecer uma perspectiva equilibrada e fundamentada, respeitando a complexidade dos debates teológicos e a importância de cada visão para a fé cristã. Dessa forma, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda e contextualizada das questões que permeiam a natureza de Deus e o testemunho das Escrituras.

2. UNICISMO: HISTORICIDADE E FUNDAMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA

O Unicismo, também denominado Modalismo ou Sabelianismo, surgiu no início do século III, durante um período de debates teológicos intensos sobre a natureza de Deus e a relação entre as pessoas da Trindade. Segundo Wayne Grudem, “o modalismo sustenta que há um único Deus, que se manifestou em formas diferentes ao longo do tempo” (GRUDEM, 1994, p. 242). A figura central no desenvolvimento dessa doutrina é Sabélio, um teólogo africano que lecionava em Roma por volta de 215 d.C. Sabélio propôs que o Pai, o Filho e o Espírito Santo não eram pessoas distintas, mas sim modos ou manifestações de um único Deus. Esta concepção é conhecida como Sabelianismo e foi severamente criticada por Tertuliano e outros teólogos por diluir a realidade das distinções internas em Deus, levando à rejeição formal de suas ideias em concílios posteriores (Apud IVALDOFS, 2024).



O contexto em que o Unicismo se desenvolveu estava marcado por duas principais concepções de monarquianismo: o monarquianismo dinâmico, que apregoava um Jesus meramente homem, revestido com o Espírito Santo; e o monarquianismo modalista, que asseverava a completa divindade do Filho, porém ponderava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram apenas modos consecutivos da revelação da divindade (MARTINS, 2015, p. 44). Sabélio se alinhava à segunda concepção, o monarquianismo modalista, o que fundamentou a sua rejeição da distinção entre as pessoas da Trindade.

Segundo Bueno (2010), citado por Intersaberes (2014), a designação "monarquianismo" foi dada pela primeira vez por Tertuliano. A defesa doutrinária dos apologetas - pais antignósticos e alexandrinos - sobre o Logos não satisfaz todas as dúvidas teológicas da época. A teologia cristológica ainda era nova e inconsistente, surgindo assim novos pensamentos. O monarquianismo surgiu no século III e enfrentou a grande dificuldade de conciliar a fé no Deus único (monoteísta) com a nova fé cristã, que entendia Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. A questão era complexa, pois de um lado havia aqueles que acreditavam que o Logos era uma pessoa divina, o que parecia ferir a ideia monoteísta; do outro lado, havia os que defendiam a ideia de que o Logos era subordinado ao Pai, o que parecia ferir a deidade de Cristo. Nesse conflito teológico, surgiram dois tipos de pensamento: o monarquianismo dinâmico, também conhecido como adopcianismo, e o monarquianismo modalista (INTERSABERES, 2014, p. 57).

Além de seu surgimento na antiguidade, o Unicismo teve um ressurgimento significativo no início do século XX. O unicismo moderno veio de um desvio do movimento da Rua Azusa, em 13 de abril de 1913, durante um encontro pentecostal internacional em Arroyo Seco,



Pasadena, Califórnia. Na ocasião, o evangelista canadense Robert Edward McAlister afirmou que os apóstolos batizavam em nome de Jesus, conforme Atos 2:38, o que causou um grande impacto entre os presentes. Embora McAlister tenha tentado retratar-se posteriormente, já era tarde. John G. Schaepe, um imigrante alemão de Danzig, afirmou ter recebido uma revelação divina sobre a verdade do batismo em nome de Jesus e começou a pregar essa doutrina. Muitos aceitaram sua mensagem, o que contribuiu para o crescimento do Unicismo entre grupos pentecostais (CGADB, 2023).

Outro alvo da crítica anti-herética de Tertuliano foi o mestre cristão romano Práxeas. Este teólogo foi possivelmente o primeiro a tentar explicar sistematicamente a doutrina da Trindade, no entanto, obliterou a verdade ontológica da tri-pessoalidade de Deus. Práxeas negava a crença em três pessoas distintas dentro do único ser divino, afirmando que o próprio Pai desceu à terra, nasceu da virgem e sofreu como Cristo. Tertuliano "cunhou o rótulo de patripassianismo para essa heresia, que significa o sofrimento (e a morte) do Pai" (OLSON apud INTERSABERES, 2014, p.138). Mais tarde, Sabélio revigorou essa teoria, agora conhecida como Modalismo, que também foi chamada de sabelianismo em sua homenagem (INTERSABERES, 2014, p. 138).

Convém lembrar que “em 261 d.C., as doutrinas de Sabélio foram rejeitadas e condenadas como heréticas pela igreja, por negar a distinção das pessoas divinas na tentativa de resgatar uma teologia unicista para o cristianismo” (BUENO apud INTERSABERES, 2014, p. 60). Essa condenação foi um marco importante no desenvolvimento da teologia ortodoxa cristã, reafirmando a crença na coexistência e consubstancialidade das três pessoas da Trindade.



A origem do Unicismo está ligada às controvérsias teológicas dos primeiros séculos do cristianismo, especialmente em resposta ao arianismo, que negava a divindade completa de Cristo. Grudem observa que “a controvérsia ariana forçou a igreja a afirmar a plena divindade de Cristo, o que, por sua vez, levou à rejeição das interpretações unicistas” (1994, p. 245). Enquanto o arianismo argumentava que Cristo era uma criatura subordinada ao Pai, o Unicismo defendia a unidade absoluta de Deus, negando qualquer distinção real entre as pessoas divinas. Essas ideias unicistas ganharam popularidade em várias regiões do Império Romano, particularmente no norte da África e no Oriente, onde provocaram debates acalorados. Sabélio, um presbítero de origem líbia, desempenhou um papel fundamental na difusão dessas ideias, vindas de Pentápolis para Roma no início do século III. Ele defendia que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram apenas fases ou modos consecutivos de uma única divindade, uma doutrina que ficou conhecida como "patripassianismo", que afirma que o Pai sofreu na cruz como o Filho (PALAVRA CRIATIVA, 2015).

O Concílio de Niceia, realizado em 325 d.C., condenou o arianismo e afirmou a doutrina da Trindade como ortodoxia cristã. Embora o Unicismo não tenha sido o foco principal das discussões conciliares, suas premissas foram implicitamente rejeitadas pela afirmação da distinção entre as pessoas da Trindade. O Concílio de Niceia estabeleceu que as três pessoas da Trindade eram consubstanciais e coeternas, o que foi uma clara refutação às ideias unicistas (Apud IVALDOFS, 2024).

Mesmo após o Concílio de Niceia, o Unicismo continuou a influenciar determinados grupos cristãos, especialmente no Oriente. A doutrina foi formalmente condenada em vários sínodos e concílios subsequentes, mas nunca desapareceu completamente. Ao longo da história, ressurgiu em



diferentes movimentos religiosos, incluindo algumas correntes do pentecostalismo no século XX, que adotaram uma visão unicista da divindade. Este fenômeno é descrito por Grudem ao apontar que “no século XX, o unicismo ressurgiu em certos segmentos do pentecostalismo, onde a unidade absoluta de Deus era novamente enfatizada” (GRUDEM, 1994, p. 267).

A análise da historicidade do Unicismo revela um desafio teológico persistente à doutrina da Trindade, refletindo as dificuldades enfrentadas pelos primeiros cristãos em compreender a natureza de Deus. Como observado por Abbagnano, “a questão da unidade e diversidade dentro da divindade foi uma das mais difíceis para a teologia cristã primitiva, e o Unicismo representa uma tentativa significativa de resolver essa tensão” (2003, p. 458).

A doutrina do Unicismo está profundamente enraizada em uma interpretação estritamente monoteísta da Bíblia, que enfatiza a unidade absoluta de Deus. Seus defensores fundamentam suas crenças em várias passagens das Escrituras que destacam a unicidade de Deus, particularmente em textos do Antigo Testamento, como Deuteronômio 6:4: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (BÍBLIA, 2017, NAA). Essa afirmação é central para a crença unicista, que interpreta o conceito de “um único Senhor” como uma negação explícita da existência de distinções internas na divindade.

No Novo Testamento, passagens como João 10:30, onde Jesus afirma: “Eu e o Pai somos um” (BÍBLIA, 2017, NAA), são frequentemente citadas pelos unicistas como evidência da identidade entre o Pai e o Filho, negando qualquer distinção pessoal entre eles. Sabélio argumentava que Deus se revelou como Pai na criação, como Filho na redenção e como



Espírito Santo na regeneração e santificação da Igreja (ABBAGNANO, 2003, p. 459).

Outra passagem frequentemente utilizada pelos unicistas é Isaías 9:6, na qual Cristo é descrito como "Pai da Eternidade" e "Príncipe da Paz" (BÍBLIA, 2017, NAA). Segundo a interpretação unicista, isso indica que Jesus é, de fato, o próprio Pai em uma manifestação diferente, reforçando a ideia de que não há distinção real entre as pessoas divinas, mas apenas modos sucessivos da manifestação de um único Deus. Como coloca Erickson: "O unicismo sustenta que a doutrina da Trindade gera confusão e que, na realidade, há apenas um Deus que assume diferentes papéis em momentos distintos" (2015, p. 302).

Os unicistas também se apoiam em Atos 2:38, onde Pedro ordena o batismo "em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados". Para os unicistas, esta passagem reflete a crença de que o nome singular de Deus é Jesus, e que o batismo deve ser administrado exclusivamente em Seu nome, uma prática que se diferencia da fórmula trinitária de Mateus 28:19, onde o batismo é realizado "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Os unicistas argumentam que a fórmula de Mateus deve ser interpretada como referindo-se ao nome de Jesus, o qual incorpora todas essas manifestações (GRUDEM, 1994, p. 270). No entanto, os dois textos citados possuem distinções importantes, tanto em narrativa quanto em propósito. Enquanto Jesus deixou uma fórmula clara para o batismo em Mateus, Atos 2:38 é uma narração de um evento específico, sem que Pedro estivesse instituindo um modelo formal que substituísse a ordenação deixada por Cristo. Dessa forma, a fórmula trinitária permanece como a instrução normativa para o batismo, conforme instituída por Jesus.



A fundamentação doutrinária do Unicismo também reflete a ideia de que Deus se manifestou em diferentes ofícios ou funções. Como explica o artigo sobre a doutrina unicista: “O bispo Sabélio no século III ensinava que Deus se manifestava em máscaras e fases distintas, mas que era sempre o mesmo Deus em diferentes ofícios” (PALAVRA CRIATIVA, 2015). Sabélio ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram manifestações sucessivas do mesmo Deus e não pessoas distintas.

3. TRINDADE: HISTORICIDADE E FUNDAMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA.

A doutrina da Trindade é um dos conceitos centrais do cristianismo, consolidada ao longo dos primeiros séculos após a ascensão de Jesus Cristo. Ela afirma que Deus é um ser único, mas que subsiste em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Embora o termo “Trindade” não apareça explicitamente nas Escrituras, a ideia é derivada de várias passagens bíblicas, como Mateus 28:19, onde Jesus comissiona seus discípulos a batizar "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (BÍBLIA, NAA, 2017).

Nos séculos II a VIII, período da Patrística, os dogmas da encarnação, expiação dos pecados e Trindade foram sistematizados. Durante esse tempo, pensadores cristãos como Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) tiveram um papel fundamental. Agostinho tratou de temas como a fé e a graça, o que foi essencial para a reforma da fé cristã em sua geração. Ele defendia que "a Trindade não é composta de três substâncias separadas, mas de três pessoas em uma única essência" (AGOSTINHO apud TROTA, 2023). A escolástica, dos séculos IX a XVI, também trouxe novas perspectivas sobre a filosofia cristã, promovendo debates que moldaram o entendimento teológico (SILVA, 2023, p. 74).



A formulação doutrinária da Trindade não foi imediata. O fim do terceiro século marcou o encerramento da primeira grande fase de desenvolvimento doutrinário. Na segunda fase, uma controvérsia em Alexandria foi decisiva para a fé cristã e deu origem à formulação da teologia trinitária. Essa disputa envolveu Ário, presbítero de Alexandria, que, por volta de 318 d.C., argumentava que Cristo era superior à humanidade, mas inferior a Deus. Ele sustentava que o Logos (Cristo) havia sido criado e não era coeterno com o Pai (BUENO apud INTERSABERES, 2014, p. 60).

Esse conflito doutrinário levou à erupção do arianismo, uma heresia que foi formalmente condenada no Concílio de Niceia.

O Concílio de Niceia, convocado em 325 d.C. pelo imperador Constantino, foi um marco crucial. O concílio condenou o arianismo e afirmou que Cristo era "consustancial ao Pai" (homoousios), estabelecendo a igualdade de substância entre o Pai e o Filho (TROTA, 2023). Apesar disso, Ário continuou a defender suas ideias e criou um novo credo para sua apologia, o que levou à sua exclusão da comunhão cristã. Embora Constantino tenha tentado reconciliá-lo com a igreja, Ário morreu antes de ser readmitido (INTERSABERES, 2014, p. 60). O reconhecimento pleno do Espírito Santo como parte da Trindade ocorreu no Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., quando se confirmou que Ele "procede do Pai e do Filho" (TROTA, 2023).

Os debates sobre a Trindade não se encerraram com Niceia. Basílio de Cesareia e os Capadócijs defenderam a doutrina de que as três pessoas da Trindade são consubstanciais. Eles afirmavam que "cada pessoa da Trindade é Deus pleno, e cada uma delas possui a totalidade da natureza divina, sem divisão" (TROTA, 2023). Conforme Gregório de Nissa, a Trindade era "uma comunhão de três pessoas distintas, mas não divididas"



(BASÍLIO, Patrologia Graeca, vol. 32). No século XX, a teologia trinitária foi enriquecida por teólogos como Karl Rahner, que distinguiu entre a Trindade imanente (a essência de Deus) e a Trindade econômica (a forma como Deus se revela ao mundo).

A historicidade da doutrina da Trindade mostra como ela foi gradualmente articulada e defendida ao longo dos séculos, enfrentando heresias e contestações, até se tornar uma das doutrinas centrais do cristianismo ortodoxo. A doutrina da Trindade, um dos conceitos mais complexos da fé cristã, sustenta que Deus existe como três pessoas consubstanciais — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — que, embora distintas, compartilham da mesma essência divina. Essa formulação surge da necessidade de conciliar três importantes realidades bíblicas: a unidade de Deus, a divindade de Cristo e a presença do Espírito Santo. A tradição cristã desenvolveu essa compreensão ao longo de séculos, fundamentada em diversas passagens das Escrituras e em reflexões teológicas subsequentes.

A doutrina da Trindade sustenta que Deus é uma essência indivisível que subsiste em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A unidade de Deus é um dos fundamentos centrais da fé cristã, pois Deus é único, indivisível e perfeito. Esse conceito é reiterado tanto no Antigo Testamento (Dt 4:35, 39; Is 45:5-6) quanto no Novo Testamento (Jo 17:3; 1Tm 2:5), que reafirma a unidade de Deus (TROTA, 2023).

Agostinho foi um dos principais defensores da unidade de Deus. Ele afirmava que "a Trindade é composta por três pessoas, mas uma única essência, de modo que cada uma das pessoas é plenamente Deus" (AGOSTINHO apud TROTA, 2023). Tomás de Aquino também contribuiu significativamente para a compreensão dessa doutrina, destacando que "o ser de Deus é absolutamente simples e indivisível, e as pessoas da



Trindade são distintas não por natureza, mas pelas relações entre elas" (AQUINO apud TROTA, 2023).

A fundamentação bíblica da Trindade encontra respaldo em diversas passagens das Escrituras. Um exemplo significativo é a instrução de Jesus aos seus discípulos, em Mateus 28:19, de batizar "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (BÍBLIA, NAA, 2017). Embora o termo "Trindade" não seja explicitamente mencionado, a fórmula trinitária presente nessa passagem reflete a crença de que Deus se manifesta em três pessoas distintas, mas unidas na mesma substância divina.

Outra passagem fundamental é João 1:1-14, onde o Logos é identificado como Deus e, ao mesmo tempo, como alguém distinto de Deus Pai. Esse texto tem sido amplamente interpretado pelos teólogos trinitarianos como uma evidência da preexistência e da divindade de Cristo. Em conjunto com a Grande Comissão em Mateus, essas passagens fornecem a base para a compreensão de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são coeternos e coiguais.

A doutrina da Trindade envolve também a distinção entre a Trindade imanente e a Trindade econômica. Karl Rahner explica que "a Trindade econômica é a forma como Deus se revela ao mundo, enquanto a Trindade imanente é a essência interna de Deus" (RAHNER apud REVISTA FAPAS, 2023, p. 18). Isso implica que a revelação de Deus na história da salvação reflete sua natureza trinitária, sem dividir sua essência divina (RAHNER apud REVISTA FAPAS, 2023, p. 19). Segundo Rahner, "a economia da salvação é a revelação da vida interna da Trindade", o que reflete a relação intrínseca entre a teologia histórica e a revelação divina (RAHNER apud REVISTA FAPAS, 2023, p. 15). Essa distinção continua sendo uma das bases da teologia trinitária moderna (RAHNER apud REVISTA FAPAS, 2023, p. 17).



Os primeiros séculos do cristianismo foram marcados por intensos debates sobre a natureza de Deus. Durante o período patrístico, teólogos como Tertuliano e Orígenes ofereceram importantes contribuições para o desenvolvimento da doutrina trinitária. Embora ambos tenham subordinado o Filho ao Pai em algum nível, foi Tertuliano quem primeiro usou o termo "Trindade" para descrever a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo (SEVERA apud MARTINS, 2015, p. 44). Sua formulação foi posteriormente refinada por outros teólogos, incluindo Atanásio, que defendia a coigualdade das três pessoas da Trindade.

A doutrina da Trindade tem implicações profundas para a teologia cristã, e sua importância é enfatizada por teólogos como Norman Geisler, que afirma que "a Trindade não é uma contradição, mas um mistério que vai além da razão humana" (GEISLER apud TROTA, 2023). A doutrina da Trindade não apenas define a natureza de Deus, mas também tem implicações profundas para a soteriologia, a cristologia e a pneumatologia, moldando a forma como os cristãos entendem a salvação e a relação entre as três pessoas divinas. Isso implica que a salvação do ser humano depende da plena divindade e humanidade de Cristo, bem como da obra contínua do Espírito Santo, que aplica os benefícios da redenção aos crentes.

4. ESTUDO COMPARATIVO

A doutrina da Trindade é fundamental para o cristianismo, afirmando que Deus é um único ser que subsiste em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por outro lado, o Unicismo sustenta que Deus é uma única pessoa que se manifesta em diferentes modos ou formas, negando a existência real das três pessoas divinas. Neste estudo comparativo, à luz das Escrituras, buscaremos demonstrar a realidade da Trindade e refutar os argumentos unicistas.



As Escrituras apresentam diversas passagens que evidenciam a distinção entre as pessoas da Trindade. No batismo de Jesus, temos uma manifestação clara das três pessoas divinas atuando simultaneamente:

Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: 'Este é o meu Filho amado, em quem me agrado.'" (Mateus 3:16-17, NAA).

Nesta passagem, Jesus (o Filho) está sendo batizado, o Espírito Santo desce em forma de pomba, e o Pai fala dos céus. Isso contraria a ideia unicista de que Deus apenas se manifesta em modos diferentes, pois aqui as três pessoas são apresentadas simultaneamente.

Outro exemplo significativo é a Grande Comissão dada por Jesus: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." (Mateus 28:19, NAA). A expressão "em nome" no singular indica a unidade divina, enquanto a menção das três pessoas destaca sua distinção. Se fossem apenas modos diferentes de uma única pessoa, não haveria necessidade de diferenciá-los dessa forma.

No Evangelho de João, Jesus faz diversas declarações que evidenciam sua relação distinta com o Pai. Uma passagem muito explorada pelo unicismo está em João, quando Jesus diz: "Eu e o Pai somos um." (João 10:30, NAA). Embora esta passagem destaque a unidade essencial entre Jesus e o Pai, ela também implica em distinção pessoal, pois não faz sentido alguém ser um consigo mesmo.

Além disso, Jesus fala sobre o envio do Espírito Santo como outro Consolador: "E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Consolador, a fim de que esteja com vocês para sempre." (João 14:16, NAA). O termo "outro" (grego *allos*) indica alguém distinto de Jesus, mas da mesma natureza divina. Isso reforça a ideia de que o Espírito Santo é uma pessoa distinta, não apenas uma manifestação ou força impessoal.



A oração sacerdotal de Jesus também evidencia a distinção entre Ele e o Pai: "Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o Filho te glorifique." (João 17:1, NAA). Se Jesus e o Pai fossem a mesma pessoa sem distinção, essa comunicação não faria sentido.

A saudação apostólica de Paulo inclui as três pessoas da Trindade: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês." (2 Coríntios 13:13, NAA). Paulo distingue cada pessoa divina e associa a elas ações específicas, demonstrando entendimento da Trindade.

Em contraposição, o Unicismo falha em explicar adequadamente essas passagens, pois sua interpretação limita-se a modos temporários de manifestação, não reconhecendo a simultaneidade e interação entre as três pessoas divinas. Portanto, a partir das evidências bíblicas, podemos fazer três afirmações: I. Existência simultânea das três pessoas divinas: As Escrituras apresentam ocasiões em que o Pai, o Filho e o Espírito Santo atuam ao mesmo tempo, refutando a ideia de manifestações sucessivas. II. Distinção pessoal: Há comunicação e relacionamento entre as pessoas da Trindade, o que não seria possível se fossem a mesma pessoa. III. Unidade essencial: Embora distintas, as três pessoas compartilham da mesma essência divina, afirmando o monoteísmo cristão.

Assim, a doutrina da Trindade não é uma construção teológica sem base bíblica, mas está firmemente alicerçada nas Escrituras. Ela concilia a unidade de Deus com a distinção pessoal do Pai, do Filho e do Espírito Santo, proporcionando uma compreensão completa da revelação divina. O Unicismo, ao negar essa distinção, não consegue abarcar toda a riqueza e profundidade do testemunho bíblico sobre a natureza de Deus.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao longo deste artigo, examinamos as doutrinas do Unicismo e da Trindade, suas origens históricas e os fundamentos teológicos que sustentam cada posição. Ficou evidente que, embora ambas defendam a unicidade de Deus, suas abordagens diferem profundamente quanto à natureza e às relações internas da divindade. A análise das passagens bíblicas revelou que a doutrina trinitária, com sua compreensão de um Deus que subsiste em três pessoas coeternas e consubstanciais, oferece uma explicação mais consistente com o testemunho das Escrituras e a tradição teológica do cristianismo ortodoxo.

Os versículos estudados, como Mateus 28:19 e João 14:16, demonstram claramente a distinção relacional entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, refutando a ideia de que esses são apenas modos ou funções temporárias de uma única pessoa. A doutrina trinitária é capaz de conciliar a unidade de Deus com a diversidade pessoal, preservando tanto a singularidade quanto a comunhão interna dentro da divindade. Por outro lado, o Unicismo, ao negar a distinção real entre as pessoas, não consegue explicar adequadamente a simultaneidade e a interação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos textos bíblicos.

Além disso, a fundamentação teológica moderna, apresentada por autores como Wayne Grudem e Millard Erickson, confirma que a doutrina trinitária não é apenas uma construção teológica, mas uma necessidade para preservar a plena continuação do Espírito Santo na vida dos crentes. Ao analisar as implicações doutrinárias, vimos que a soteriologia e a pneumatologia cristãs dependem de uma compreensão clara e distinta das pessoas divinas para evitar contradições internas.

Em síntese, o presente trabalho reafirma a posição trinitária como a mais coerente com a totalidade das Escrituras e a tradição teológica cristã. A doutrina da Trindade não apenas sustenta a unicidade de Deus, mas



também a comunhão e a cooperação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo em todos os aspectos da criação e da redenção. Com isso, espera-se que este artigo contribua para um entendimento mais sólido e biblicamente fundamentado da natureza de Deus, fornecendo subsídios para futuros estudos teológicos sobre esse tema complexo e essencial para a fé cristã.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003. PALAVRA CRIATIVA. A doutrina unicista dentro da mensagem: sabelianismo. Palavra Criativa, 2015. Disponível em: <https://palavracriativa.org.br/site/wp-content/uploads/2015/06/A-DOCTRINA-UNICISTA-DENTRO-DA-MENSAGEM-SABELIANISMO.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

BÍBLIA. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. CGADB. Manifesto contra o Unicismo. CGADB, 2023. Disponível em: <https://cgadb.org.br/manifesto-contra-o-unicismo/>. Acesso em: 09 set. 2024. COSS, Mussá Maria. A Unidade Axiomática da Trindade Econômica e Imanente: Um Estudo do 'Grundaxiom' Trinitário de Karl Rahner. Frontistés - Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia, v. 14, n. 25, 2024. Disponível em: <https://revistas.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/view/16>. Acesso em: 3 out. 2024.

ERICKSON, Millard J. Teologia Sistemática. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015. ESTEVES, Yohans de Oliveira. Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos META. Faculdade Vitória em Cristo, 2024.

GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática: Uma Análise Histórico-Bíblica e Apologética. São Paulo: Vida Nova, 1994.



INTERSABERES. Teologia Sistemática: Uma Abordagem Metodológica e Crítica. Curitiba: Intersaberes, 2014.

IVALDOFS. O que é Sabelianismo? Disponível em: <https://ivaldofs.com.br/o-que-e-sabelianismo/>. Acesso em: 5 out. 2024.

KARL RAHNER. La comunión Trinitaria. La contribución de Karl Rahner. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/estudioseclesiasticos/article/view/9742>. Acesso em 10 set. 2024.

MARTINS, Jaziel, Guerreiro. Teologia Sistemática: Estudos Iniciais. Curitiba: Intersaberes, 2015.

SILVA, Antonio Carlos da. Introdução à Teologia. Curitiba: Intersaberes, 2023.

TROTA, Israel Thiago. Teologia Sistemática I: Livro Acadêmico. Faculdade Vitória em Cristo, 2023.

